

JORNAL RELIGIOSO, POLITICO, LITTERARIO E NOTICIOSO.

PUBLICA-SE ÀS TERÇAS FEIRAS E SEXTAS.

Redactor e editor responsavel — O Bacharel ANTONIO MARIA PINHEIRO FERRO.



Assigantura para a cidade — Anno 400 rs. — Semestre 240 rs. — Para as provincias — Anno 800 rs. — Semestre 480 rs. — Folha avulsa 5 rs. — Anuncios 25 rs. por linha — repetição 20 rs.

SEXTA FEIRA 4 DE AGOSTO

BRAGA 3 DE AGOSTO

Dae passagem romanos ao proscripto,
que vem ver se na praça ha peixe frito!

FABLA.

Quem entrasse sabbado, 29 do passado, no parlamento ficaria deveras perplexo.

Ou julgaria assistir a alguma pateiada de theatro, ou então julgar-se-hia mettido em Rilha-folles.

Aqui veria o snr. Luciano de Castro, furioso como o Othelo; descarregando toda a sua bilis contra a eleição de Villa Verde; alli o snr. Ayres de Gouvêa atroando o parlamento com os repetidos toques de campainha; acolá o snr. de Bugajóz gritando como um possesso; além os senhores deputados fallando, gritando e berrando; enfim vergonhas, miserias e desperdicios em toda esta memoranda scena.

Se n'este momento, entrasse o Tarquinio da Fabia no parlamento, a procurar peixe frito, nós de certo que lhe dariamos razão.

Este snr. de Bolama é na verdade um grande ratão. Ha alguns dias que se acham abertas as portas de S. Bento, e ainda nada feito! O misero paiz que pende lurido ao cairel da sepultura, começa recebendo medicamentos congruentes, para se despeñar para todo o sempre. Este snr. de Bolama é na verdade um grande medico. Custa a crer como o velho Portugal, tem resistido ás sangrias do façanhudo *Regulo*.

Em quanto os snrs. ministros e os snrs. deputados vão engendrando discursos cheios d'eloquencia, para agradar ás damas que se acham nas gallerias a escutal-os, este povo compassivo e indolente vae-lhes enchendo as algibeiras, de bellas e aureas *Victorias*. E devem continuar assim, já agora é melhor dar o golpe derradeiro para acabar com esta caranguejola, chamada Portugal.

Descarregue o golpe snr. Marquez, que depois será acclamado duque dos *destroços*. Mas que fará agora o partido historico?

Que attitude tomará?

E' possivel que estas entidades heterogeneas no

dizer, mas homogeneas no querer, se combinem d'alguma maneira.

O que é certo e immutavel em nós, é que, tantas esperanças concebemos d'uns como d'outros, depois da scena vergonhosa do sabbado. Ainda bem que de todos os pontos do paiz, a imprensa se ergueu energica, para stygmatisar estes actos proprios de selvagens, isto é, de homens sem educação.

E é d'esta maneira que se hade remediar o mal gravissimo, que nos opprime ha tanto tempo? E' com estas esphaceladas cabeças, que se hade salvar este miserando paiz?

E' com estes berredores nacionaes, com estes risiveis representantes do povo, que havemos fugir das garras do *abutre* que ha tanto tempo nos roe? Pobre paiz.

E' este ministerio inepto, que tem por *Regulo* o snr. de Bolama, esta corporação de famintos politicos, por que se conserva ainda no poder? Ainda se não dá por satisfeita? Quer *ennobrecer-se* ainda mais?

Desça, se póde, do seu pedestal de lama, para que, outros mais esfaimados ainda, possam subir sem quebrar o nariz.

Se estes não são os votos da nação, são, pelo menos, os desejos ardentes dos nossos saltimbancos politicos.

E' por causa d'estas e outras scenas escandalosas, d'estes actos improprios d'uma nação civilisada, que duvidamos do resultado benefico d'este systema actual.

Lamentamos isto deveras, por que nos presamos de ser liberal; mas como o patriotismo é hoje virtude rarissima, por isso duvidamos dos homens que se dizem liberaes. Quereis o porque? Analysae os actos politicos d'esde 34 até hoje, e ahí achareis resposta cabal, para assegurar a nossa duvida.

Acêrca da questão da presidencia ultimamente debatida na camara, parece-nos que temos comedia.

Um distincto publicista da capital censura a escolha do revd.º Ayres de Gouveia, porque «os esforços do partido em toda a Europa tendem a separar a igreja do estado e a affastar o clero da poli-

tica das nações. Isto appareceu no orgão do partido constituinte, e é tristemente verdade. Os historicos batem palmas e congratulam-se porque entendem que a presidencia recabiu n'um dos membros do seu partido.

Os regeneradores-progressistas teimam que o sr. Ayres de Gouveia não é historico, porque s. exc.^a o declarára formalmente e que não tinha assistido, nem assistiria ás reuniões do Carmo, onde aquelle grupo celebra os congressos de paz, e discute os planos de guerra.

Quem entenderá este jogo d'empurra? Então o sr. Ayres de Gouveia é historico, é regenerador, é constituinte, é reformista, ou não tem politica deffinida? Não haverá uma alma de Deus que nos responda, ou teremos de nos dirigir ao templo de Diana?

E' interessantissima esta lucta dos partidos a esfacelarem-se uns aos outros.

Por fim de contas o snr. Ayres de Gouveia é retalhado para todos os partidos. O que ficar com a cabeça, amputando-lhe a bossa indicativa da tendencia de abolir os dias sanctos, é o que fica mais bem servido; por que ficará possuindo cinco tostões.

Pela nossa parte nada queremos por que não pertencemos a nenhum desses partidos. Rimos-nos de todos, á parte o respeito que alguns merecem. G.

OS PARTIDOS.

Para nós quem diz *partido* diz —parcialidade, injustiça. D'ahi vem a gloria, que temos, em não pertencer a nenhum.

(VICTOR JOLY.)

O mundo, n'este *universo* chamado Portugal, divide-se em diversas provincias, que são: progressistas, regeneradores, historicos, janeirinhos, constituintes e *tutti quanti* lembrou aos luminares, em momentos de lucidez... e desenfado.

Estas provincias têm um governador que põe e dispõe de seus subalternos, como de qualquer objecto vendavel.

Tem cada uma, orgão ou orgãos na imprensa, onde existe um codigo peculiar que ordena *expressamente* as hajulações ao caudilho, e o apoio exclusivo aos sequases; a deffeza accintosa e parvoa ás pequices do edil, e a recriminação ignorante e estúpida, a censura rancorosa e atrevida aos contrarios.

Estas provincias chamam-se partidos, isto é, grupos de salvadores que a seu modo peregrinavam em romagem á estancia onde a patria agonisa, e vão levar socorros, afim de lhe dulcificar os ultimos paroxismos. Caminham de diversos pontos, mas todos se dirigem a um e mesmo fim.

Os regeneradores querem o bem da patria, o assassinio do *deficit* e as venturas do povo: os historicos querem as venturas do povo, o assassinio do

deficit e o bem da patria: os reformistas, ou janeirinhos, querem o assassinio do *deficit*, o bem da patria e as venturas do povo: os... basta.

Vê-se que todos teem bons desejos e muita abnegação, e todos são filhos dos nossos heroes de outros tempos.

Mas isto é lamentavel.

E' um gargalhar contínuo o lér os orgãos de cada um d'estes grupos, que todos são importantes, todos desinteressados, todos devotados com alma, vida, á instante e suspirada salvação da patria... e das batatas.

Satyrizam-se mutuamente, fazem figas, apodam-se e chasqueiam ridicula e risivelmente uns aos outros etc. etc. Desviando os olhos d'esse tremedal ascoso onde se mergulham as paixões mais degradantes e onde estanceiam a ambição e o interesse, o *Artista* gloria-se de não ser orgão, nem principal nem accesorio, de nenhum d'esses partidos; por que se ri de todos; porque não tem grande nem pequeno desejo de servir de palhaço n'esta farça repugnante e hedionda.

O *Artista*, é orgão e advogado d'uma classe honrada e nobre, embora do meio da sua obscuridade acompanhe a marcha dos acontecimentos politicos, e não falte ao debate quando seja chamado á barra, Não se move ás sugestoes dos corrilhos, nem morre d'amores por essa leva de industriosos paes da patria, por essa *coterie* de tartufos, que apenas serve para tornar mais precario o nosso miseravel estado, e para difficultar a solução instante e suspirada do problema da salvação publica.

Todos esses partidos, importunos bandos de gafanhotos, lobos esfaimados que se disputam a presa appetecida nada tem feito mais que tornar propinqua a ruina completa da gloriosa patria de D. Afonso Henriques.

Homens ambiciosos e cuja illustração serve quasi exclusivamente para conseguir o seu veio constante-o poder, são os que militam nessas rarejadas fileiras. Todavia homens ha que de boa fé se alliam a esses saltimbancos. N'esta pequena terra conhecemos alguns a quem não escasseiam intelligencia e boa-vontade; mas as determinações *do alto*, são imperiosas e supremas; porque o *chefe* é exigente e intransigente.

Algum dia abrirão os olhos se este escandaloso joguete das facções os não obsecar inteiramente.

Nós iremos seguindo com a vista, em expectativa benevolente, a degladição d'esses contendores amestrados e estrenuos. Quando os seus actos mereçam a approvação dos homens sensatos, terão o nosso franco e humilde apoio. Se algum nos chamar á liça encontrar-nos-ha sempre dispostos ao combate, e a deffender as nossas opiniões.

Terminaremos com o sabio Victor Joly: «Em quanto a verdade politica... se nos não revellar d'uma maneira completa e luminosa continuaremos a procural-a com lealdade e boa fé, sem nos deixar-

mos impressionar das ostentações dos charlatães, que se persuadem tel-a encontrado.»

G.

CAVAQUINHO

Um sr. Eusebio das Chagas do Espirito Sancto, pessoa d'uma erudição a toda a prova, tocou a rebate nos arraiaes da grammatica e veio, no *Bracarense* n.º 2020, increpar o redactor principal d'esta folha por alguns erros, que, por inadvertencia do revisor, sahiram effectivamente no artigo de fundo do n.º 3 do *Artista*.

O sr. Eusebio, arvorando-se em pedago postico, vem apresentar ao publico os altos quilates da sua erudição, em desforço de ficar reprovado no *exame de portuguez*. O sr. Chagas foi infeliz no modo porque se serviu para o supposto desforço, e podia apenas firmar o seu arazoado com *chaga*, sem importunar o plural; porque na realidade estava chismado á vontade do chaguento proprietario. Escreve o sr. *Espirito* depois d'um cavaeo previo muito approposado: «Entoando como bom christão, a oração da agonia ao misero do governo em todo o seu artigo de fundo é principalmente no fundo do artigo que v. s.ª nos mostra as suas melhores e mais bellas flores.» Ora isto, sr. Eusebio, não devia ser escripto por um pedagogo. Sem a pontuação conveniente, fica um feixe de palavras, que nos faz recordar um realejo. Vejamos. Diz s. s.ª: ao misero do governo em todo o seu artigo de fundo. O governo está em todo o artigo de fundo, ou o governo é misero em todo o artigo? Pois o sr. tarelo não sabe as regras da pontuação, e tem a ousadia de se metter em camisa d'onze varas? Para s. s.ª pôde muito bem ser escusada a virgulação, visto o intento de s. s.ª ser, o encastoar quatro palavras tendentes a chincalhar o redactor do *Artista*, que tem o fraco de desprezar os insignificantes que se atribuem importancia.

Dissemos, que foi por inadvertencia do revisor, que o tal periodo esmerilhado pelo critico d'agoa chilra, sahio d'aquelle modo. No original do artigo em questão estava escripto: «Em todo o caso é preciso sahir d'este estado desgraçado em que nos achamos; substituir este governo por outro e isto successivamente até que se encontre quem nos administre de modo que satisfaça ás justas aspirações do povo.» O sr. critico das dusias ainda poderá achar pabulo congruente para as suas estonteadas criticiques? Pois, carissimo sr., convidamol-o a vir á redacção do *Artista*, para se certificar da verdade.

Do contrario, se o critiquerio tentar insistir na supposta falta, e não quizer admittir esta satisfação ao publico, e não a s. s.ª a quem não ligamos importancia alguma, além d'aquella que merece um charlatão, que não tem coragem para assignar o seu nome, soccorrendo-se ao pseudonymo, se insistir, repetimos, em não achar idonea esta rasão, desculpe-nos que o accusemos de igual falta.

Diz o critiquerio: «Em quanto a mim aquillo é defeito de construcção (e *perdoe v. s.ª*) por eu metter o nariz aonde não sou chamado mas deixemos a explicação do phenomeno aos philosophos e vamos ao nosso caso.» Despresando a falta de pontuação, de que s. s.ª nada entende, vejamos até onde chega a *sabença* do importuno critiquerio: s. s.ª deve saber tudo o que diz respeito ao parenthesis, já que se atreve a arvorar-se em critico de erros grammaticaes. Applicando o nada que sabemos a respeito do parenthesis, o tal periodo fica construido d'este modo: Em quanto a mim aquillo é defeito de construcção por eu metter o nariz aonde etc.

O sr. Eusebio d'*espirito*, não fará o favor de nos dizer que lingua será essa, que soa como um concerto celestial, chegando a transformar-nos o tympano dos ouvidos em macio velludo?

E é este sapientissimo tartufo que se atreve a censurar os escriptos do sr. dr. Ferro? E é este escriptor d'agoa morna que vem, em desforço de ficar reprovado, dar sotta e az nos escriptores do *Artista*?

Vamos ainda mostrar mais outra belleza d'este decantado e chocho critiquerio. Depois da injusta censura feita ao sr. dr. Ferro, diz o bestunto do sr. *Espirito*: «Este periodo parece que foi escripto por uma creança que começa ainda a fazer *temas*; pois que só uma creança n'estas circumstantias é que commette um erro de grammatica como n'elle se encontra; a ser, diga lá. Mestre, aonde está alli a oração principal?» Ora diga-nos sr. simulacro de zoilo, aonde está aqui a clareza da lingua de Camões?

Que quer dizer: «a ser, diga lá»? Palavra, que não podemos achar a chave d'este *pastel*.

E diz o sr. Eusebio que não tem geito para lavrador! Pois olhe, meu bom senhor, para critico é que não nasceu.

Bem fizeram os paes de s. s.ª em o empregar em tal serviço, pois que não vemos outra cousa para que possa ter geito. Culpados somos nós em lhe dar importancia que não merece.

Continuemos.

Nunca viram um leão enfurecido? Pois examinem agora o sr. Eusebio. Vejam como elle se mostra despeitado, só porque um artigo do *Artista* não falla na sua arte predilecta. Ora conversemos um pouco, sr. Eusebio. Diga-nos, se sabe, a agricultura não é uma arte? Defina e verá que temos rasão.

Pensou s. s.ª que nós esqueceriamos a arte que amava Quintio Cincinnato? Julga que ignoramos, que com o aperfeiçoamento da agricultura augmenta o poder e força das nações? Este sr. *espirito* sempre tem coisas! Em Athenas era prohibido por uma lei, matar o boi que trabalhasse no arado; em Portugal permite-se a entrada na imprensa, como critico, ao sr. Eusebio!... Que lhe havemos nós de fazer?...

Quer um conselho, lucidissimo tarelo?—Vá antes pentear macacos que aproveitará melhor o seu tempo.

CORRESPONDENCIAS

Snr. redactor.

Como o fim principal a que se propõe o seu bem elaborado jornal, é a educação intelectual do — *Artista* — julgo não serão inopportunas as seguintes considerações.

Os que trabalham são os evangelisadores do progresso — porém quando vão diffundir nos antros do vicio e da corrupção o producto do seu trabalho, em vez de com elle ir arrancar á fome e á miseria andrajosa, a esposa e os filhos, esses então, tornam-se despresiveis e réos de lesa-familia.

Infelizmente ha muitos entre os Artistas Bracarenenses, que assim praticam; e d'ahi o desdouro para a classe, e a miseria e desharmonia para a familia!

São duas as rasões principaes que explicam este proceder reprehensivel. A falta d'instrucção e o inveterado máo costume de se entregarem ao mais pernicioso ocio nos dias immediatos aos sanctificados!

E para que aquelles dias de trabalho perdidos? Para deixarem de pertencer á nobre classe Artistica e irem-se incorporar na dos jogadores e bebados — isto é — confundirem-se com a escoria da sociedade!

Illustrae-vos pela instrucção e pratica de boas acções, Artistas, e tereis em recompensa a estima de todos os homens honrados, sem destineção de classe, e inda mais, uma felicidade immutavel.

Tendes preceptor gratuito: correi sem vacillar a beber esse effluvio divino — a instrucção — e lançae a um completo desprezo a vadiagem, os vicios e a corrupção.

Abre-se-vos um auspicioso porvir — lançae-vos com segura confiança no seu regaço, e em breve vereis florir a vossa fortuna, a familia, o credito e, sobre tudo, a vossa importancia social.

Braga, 31 de Julho de 1871.

A. S.

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia para o *Artista* deve ser dirigida para o Café Vianna, debaixo da Arcada. Fica auctorizado Antonio J. da C. Vianna, para receber as assignaturas e passar os competentes recibos.

NOTICIARIO

Senhora da Boa-Morte. — Dizia-se geralmente que este anno não haveria festejos alguns á Senhora da Boa-Morte; porém estamos authorisados a declarar que esta festividade se realisará com o lusimento e esplendor dos annos antecedentes.

Desgraças. — Das Caldas de Vizella escreve-nos um nosso amigo e dá-nos conhecimentos dos seguintes lamentaveis factos. Extractamos a parte da carta que lhes diz respeito: Esta terra é fatal. Vou contar-lhe, alguns factos que não são mui pouco frequentes nesta terra, que é singular em tudo. Um pobre rapaz lembrou-se de ir banhar-se ao rio, afim de se subtrahir ao grande calor que nos atormenta. Foi porém em hora tão aziaga e com tanta infelicidade que ficou servindo de pasto aos peixes. Dizem que o infeliz era dos Arcos.

Em seguida um jornaleiro que andava trabalhando n'uma obra, na occasião em que guindava uma pedra cahiu d'uma grande altura, ficando com graves contusões em todo o corpo.

O que porém horrorisa foi o que passo a narrar-lhe. Um brasileiro foi a uma loja, cujo dono era um fogueteiro e que estava pisando polvora na occasião em que aquelle entrou. Depois de ter comprado o que desejava accendeu o seu charuto e collocou a caixa, que era d'oiro, em cima d'uma meza. Depois de ter conversado algum tempo sahio esquecendo-se da caixa. Quando deu pela falta d'esta, voltou á loja e perguntou se a não teriam visto.

O dono respondeu, que assim elle ardesse como ella lá não tinha ficado.

O brasileiro tendo-se já retirado ouviu uma grande explosão na casa do desgraçado fogueteiro, que ficou completamente carbonisado.

Presume-se que indo a abrir a tal caixa, como era de molas, fez saltar lume para o almofariz o que produziu esta desgraça.

A' illm.^a Camara. — Custa a crer, na cegueira que persegue os vigias da camara municipal.

Nos dias de feira, todo o mundo sabe que é muito difficil entrar nos cafés que estão situados debaixo d'Arcada; mas nos dias chuvosos ninguem se queixa d'este estorvo, visto que assim é permitido. Na terça feira, 1 do corrente, estava um formoso dia, e contudo o estorvo existia. Não poderão os vigias ou zeladores, impedi-lo?

Sem duvida que sim.

E por que o não fazem?

A' illm.^a Camara, pedimos as necessarias providencias.

A's damas bracarenenses. — «Os devotos do Bom Jesus da Saude, situado no campo das Carvalheiras, pedem ás briosas damas d'esta cidade, o favor de não se esquecer de contribuir com as suas prendinhas para a festa do mesmo Senhor, afim de tornar bem lúcido o bazar de prendas, que os mesmos devotos tencionam fazer. As prendas serão procuradas d'esde o dia 7 em diante.»

Estamos habilitados para dizer que, este anno teremos uma festa brilhante.

Aguardamos o dia, para depois fallar-mos.